

PAÍS EM CRISE

ESTADO TEM 181 MIL NA FILA DO DESEMPREGO

Na Grande Vitória, 12,3% da população está desocupada

✎ **BEATRIZ SEIXAS**
bseixas@redgazeta.com.br

Imagine o município de Linhares com todos os seus habitantes, 160 mil, sem emprego. Não é essa a realidade da cidade, mas os exemplo é para dar a dimensão de quantos trabalhadores enfrentam o fantasma do desemprego no Estado. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada ontem pelo IBGE, são 181 mil pessoas que estão em busca de uma vaga.

A taxa de desocupação de 9,1% no quarto trimestre de 2015 é a maior desde o começo da série, em 2012. Aliás, o percentual é muito superior ao registrado no mesmo período de 2014: 6%.

Na Grande Vitória, a taxa é ainda mais surpreendente - 12,3% de desocupados, ou seja, de pessoas que estão desempregadas, mas em busca de recolocação. No final de 2014, o número era de 8,2%, uma alta de 50%.

Assim como os postos de trabalho, a renda média do trabalhador também tem

sido sacrificada. Se ao final de 2014 ele ganhava R\$ 1.911, no último trimestre do ano passado essa renda foi reduzida a R\$ 1.872.

A técnica da coordenação de trabalho e rendimento do IBGE, Flávia Vinhaes, ressalta que o Espírito Santo teve um dos maiores crescimentos de desocupados, proporcionalmente, com avanço de 53%. Já em relação à renda, ela diz que os dados demonstram estabilidade, ao contrário do que aconteceu com o Brasil, que apresentou retração de R\$ 146.

Flávia cita as áreas mais prejudicadas: indústria, atividades imobiliárias, construção civil e agricultura.

IMPACTO

Foi ainda em 2014, quando a crise começou a dar sinais de que o país não ia bem que a analista de planejamento Ana Cristina Vieira perdeu seu emprego. Ela trabalhava em uma terceirizada de uma grande indústria na Grande Vitória.

Desde então, Ana tem buscado uma oportunidade. Mas a conjuntura não tem sido favorável. A alter-

nativa foi trabalhar por conta própria. Desde agosto do ano passado começou a fazer bolos e doces. "Mas continuo buscando um emprego na área."

O presidente do Conselho Regional de Economia, Eduardo Araújo, explica que o avanço do desemprego é fruto da combinação de uma série de fatores, especialmente ligados aos ajustes fiscais feitos pelo setor público, à falta de confiança da iniciativa privada e a influência em alguns pontos do mercado externo, como o preço baixo das commodities.

"Por conta dos ajustes fiscais, as administrações nas esferas federal, estadual e municipal estão reduzindo investimentos, o que afeta as empresas que prestam serviço para esse setor."

Ele acrescentou que como na economia se trabalha com cenários, tanto empresas quanto consumidores estão com baixo nível de confiança, fazendo com que seja formado um círculo vicioso que envolve: retração da indústria, queda de empregos e recuo no consumo.

RICARDO VERVLOET



Recolocação

A analista de planejamento Ana Cristina Vieira faz parte dos dados que mostram um dos piores lados da crise: o desemprego. Há mais de um ano ela busca vaga no mercado.

"Está difícil conseguir oportunidade no mercado de trabalho. Tenho feito bolos e doces, mas não pretendo desistir da minha área. Continuarei distribuindo currículos"

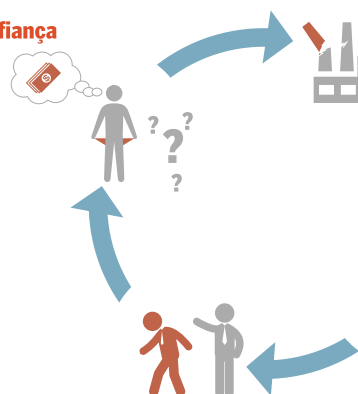
ANA CRISTINA VIEIRA
ANALISTA DE PLANEJAMENTO

RETRATO DA CRISE

O QUE LEVOU O PAÍS AO DESEMPREGO

Falta de confiança

A falta de confiança do empresariado fez com que não houvesse avanço em investimentos e compras de máquinas e equipamentos



Indústria em queda

A indústria, responsável por produzir essas máquinas, também desacelerou

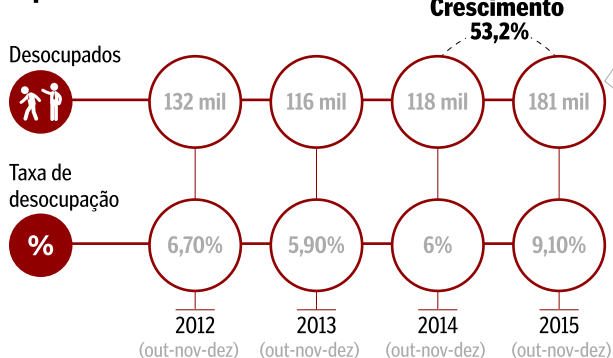
Consumo

Com a inflação alta, as famílias reduziram o consumo, demandando ainda menos itens da indústria

Desemprego

Dessa forma, as pessoas compram menos, a indústria produz menos e demite mais. O mercado fica mais fragilizado com o desemprego e a queda da renda, fazendo com que a falta de confiança prevaleça

Espírito Santo - Dados do PNAD

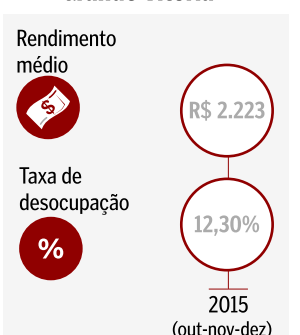


O total de desocupados é como se pouco mais do que toda a cidade de Linhares, com 160.765 habitantes, ficasse desempregada

Os setores que mais sofreram no Espírito Santo



Grande Vitória





CORTE DE VAGAS É O MAIOR EM 4 ANOS

Escassez de trabalho encolhe rendimentos

RIO
A taxa de desemprego no país disparou e fechou 2015 em 8,5%, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua divulgados ontem pelo IBGE. A taxa é a maior da série

histórica, iniciada em 2012. O aumento significa um salto frente a 2014, quando a taxa foi de 6,8%. Já o rendimento real ficou em R\$ 1.944 no ano passado, 0,2% a menos que em 2014. No quarto trimestre, o desemprego ficou em 9%,

o que representa estabilidade frente ao terceiro trimestre e um salto de 2,5 pontos percentuais frente ao quarto trimestre de 2014, quando foi de 6,5%. É a maior taxa da série histórica, iniciada em 2012. O total de desocupados



Indústria foi um dos setores que mais demitiram

no país avançou 40,8% nos últimos três meses do ano frente a igual período de 2014. São 2,6 milhões de pessoas a mais. Já a população ocupada caiu 0,6% no mesmo período, ou 600 mil a menos. Quando se considera as

médias anuais, a população desocupada saltou de 6,7 milhões de pessoas em 2014 para 8,6 milhões em 2015, 27,4%, ou quase dois milhões de pessoas. Já a população ocupada ficou estável em 92,1 milhões de pessoas.

Responsável pela Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo explicou que os números do mercado de trabalho refletem a deterioração da economia:

“O que acontece no mercado de trabalho é reflexo do cenário econômico. Se a economia está num ciclo virtuoso, o mercado vai aumentar a renda, o número de postos de trabalho, e a carteira assinada. Da mesma forma que isso se refletiu no passado, agora estamos tendo redução da população ocupada, aumento da população desocupada e aumento dos trabalhadores domésticos”.

Entre os setores que tiveram os maiores cortes estão a indústria e o comércio, com retração de 7,9% e 2%, respectivamente.

DIREITOS

O contingente de trabalhadores com carteira assinada – com acesso aos direitos trabalhistas – caiu 2,5%, de 36,6 milhões de pessoas para 35,7 milhões, quase um milhão a menos.

Trabalho informal cresce na crise

Se por um lado caiu o contingente dos empregados com carteira de trabalho no ano passado, por outro avançou o trabalho informal. O número de trabalhadores informais subiu de 21,305 milhões em 2014, na média, para 22,244 milhões de trabalhadores. “A queda do emprego como um todo tem como refle-

xo o aumento dos trabalhadores por conta própria e dos pequenos empregadores. Quem perde emprego ou vai para a fila de desocupação ou se ajusta e consegue algum tipo de trabalho”, ressalta o coordenador do IBGE, Cimar Azeredo. A piora do mercado de trabalho desafiou até mesmo o padrão sazonal do

emprego. Geralmente, o desemprego recua no fim do ano diante da maior oferta de trabalho temporário e da menor procura por trabalho por causa dos feriados do fim do ano, o que não aconteceu. “A taxa ficou estável do terceiro para o quarto trimestre, passando de 8,9% para 9%”, aponta o coordenador.

Disputa por vaga está mais acirrada

Com o desemprego subindo, conseguir uma vaga no mercado de trabalho fica ainda mais difícil, afinal a disputa por uma mesma vaga acontece entre um número maior de pessoas, muitas vezes com qualificação até superior ao que o emprego exige. Pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) aponta que diante da conjuntura econômica, o brasileiro tem levado cerca de oito meses para voltar ao trabalho formal, tempo superior ao 6,8 meses necessários no final de 2014. Quem conhece bem esse desafio de não ter a carteira assinada é o motorista Fer-

nando da Silva Lima, de 26 anos. Desde abril de 2015 ele perdeu o emprego, e mesmo distribuindo currículos em várias empresas, não teve sucesso desde então. Ele, que no início do mês chegou a fazer um cartaz e a ficar à beira da BR 101 na Serra pedindo emprego, conta que para sustentar a família – a esposa e três filhos – vendeu o carro e tem feito alguns fretes. “Eu tô igual passarinho, só fazendo bico. É o jeito que arrumo praz tirar algum dinheiro. Mas não está fácil. Duas empresas chegaram a me ligar depois que viram a faixa, mas trabalho mesmo não surgiu nada.”

CARLOS ALBERTO SILVA/ARQUIVO



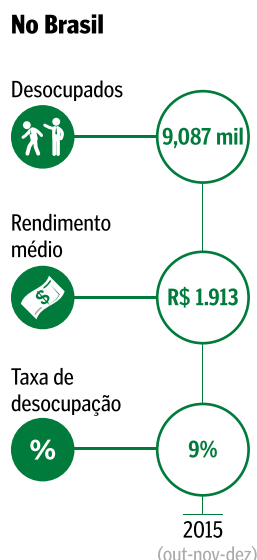
Fernando Lima está há quase um ano sem emprego

ANÁLISE

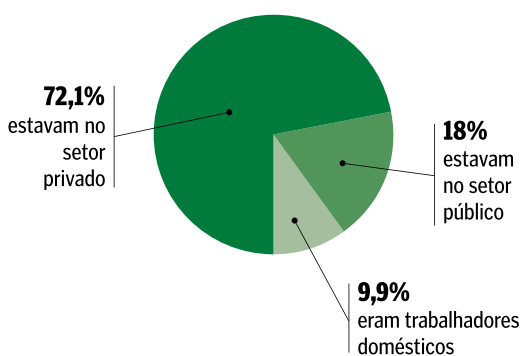
Situação ainda mais grave

Entre as variáveis que caracterizam a gravidade da situação econômica em uma sociedade, a taxa de desocupação é uma das mais importantes, já que sinaliza o quanto a capacidade produtiva de um país é frágil ou não. Quando ela é elevada e crescente, como é o caso do Espírito Santo, essa fragilidade coloca em risco todo o esforço fiscal de reequilíbrio dos gastos públicos e a eficácia dos cortes de gastos, pois o desemprego reduz o consumo médio por habitante e, em decorrência, provoca queda nas receitas públicas. No Estado, a situação se agravou, uma vez que quase que concomitantemente houve a perda da atividade econômica fundapeana, e da interação comercial com o mercado doméstico abatido pela recessão.

ANTÔNIO MARCUS MACHADO
ECONOMISTA E PROFESSOR DA UVV



Trabalhadores ocupados no quarto trimestre de 2015



92,3 milhões é a população ocupada do país. Segundo o IBGE houve uma queda de 600 mil pessoas em relação ao quarto trimestre de 2014. Desses, cerca de 35,4 milhões tinham carteira assinada no setor privado, número que representa uma queda de 3% frente ao mesmo período do ano anterior